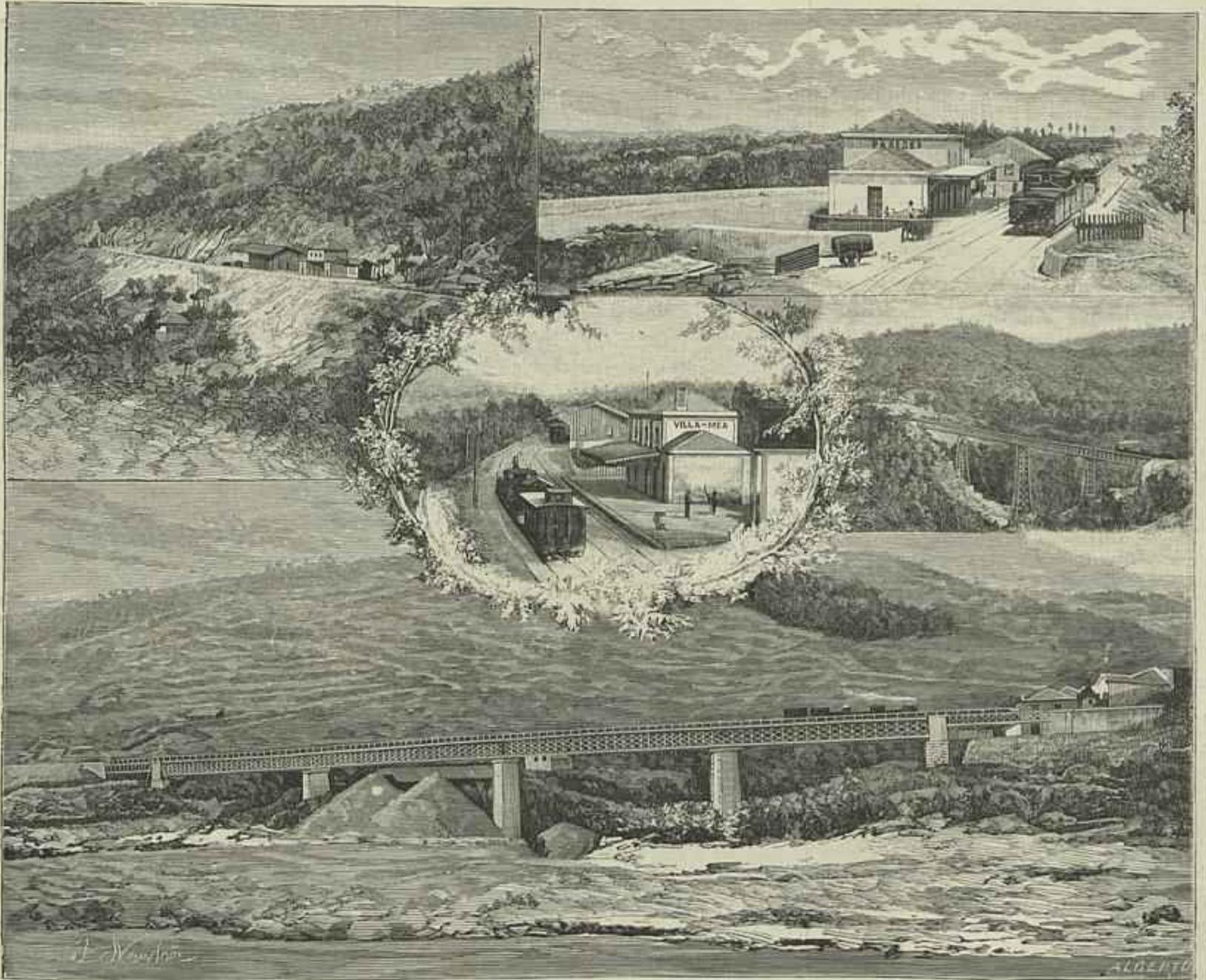


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 191	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$50	1\$900	\$950	\$120	11 DE ABRIL 1884	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas (idem)	4\$900	2\$500	—\$—	—\$—		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



ESTAÇÃO DE PAREDES — VIADUCTO DA PALLA — ESTAÇÃO DE MOSTEIRO — ESTAÇÃO DE VILLA MEÃ — VIADUCTO DA SERMANHA, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

CHRONICA OCCIDENTAL

No momento em que começamos a escrever esta chronica quasi toda a população de Lisboa está de nariz para o ar, nos sitios mais altos a ver se sabe das nuvens onde desapareceu agora mesmo, o grande balão do arrojado aeronauta francez o sr. Beudet, o homem que mais tem divertido os lisboetas n'estes ultimos tempos.

Nós tambem lá estivemos em S. Pedro d'Alcantara, no meio da multidão enorme que esperava a sahida do balão, e demos por muito bem empregado o nosso tempo, porque realmente a sahida do aerostato do sr. Beudet, da praça do Campo de Sant'Anna, foi um espectáculo lindissimo.

O balão que se chama a *Cidade de Lisboa*, e que é enorme, elevou-se lentamente, e não se pôde imaginar nada de mais pittoresco, de mais estranho, que essa ascensão.

No barco do aerostato iam além do sr. Beudet o sr. Abreu de Oliveira e o sr. Gouveia Pinto, cuja audacia foi recompensada com uma enorme ovação quando o balão sahio da praça.

De todos os altos pontos da cidade ouviu-se um grito unisono de aclamação, e por mais d'um quarto de hora a população teve o seu pensamento e os seus olhos nas nuvens onde por fim se escondeu o aerostato, já em tão grande altura, que cá de baixo parecia apenas um pequeno ponto de admiração na superficie cinzenta das nuvens encasteladas.

E balão e aeronautas lá andam agora por esse espaço enorme, levados pelo vento do acaso.

E agora elles é que podiam fazer o favor de terminar com a eterna discussão das reformas politicas na camara dos pares, porque estão vendo tudo isso muito mais d'alto que todos os politicos portuguezes.

O balão ergueu-se a muito maior altura que a gravidade das circumstancias, e era aproveitar o andar por essas regiões elevadas para reformar a camara dos pares...

Se na sua pequena barca tiverem tempo, penssem um bocadinho n'isto, senhores aeronautas, e em todo o caso, que a sorte propicia lhes guie a sua viagem e corde de bom exito o seu arrojado empreendimento.

Lisboa agora não pensa senão n'uma festa extraordinaria e nova, que se aproxima.

Ha dias houve a festa de caridade do Rei, agora prepara-se a festa de caridade da Rainha.

Aquella foi um concerto deslumbrante, que ficou memorado entre as mais brilhantes festas lyricas, e entre as mais avultadas obras de caridade do nosso tempo. Esta será uma festa originalissima, uma novidade extranha e deliciosa no nosso paiz, uma *Kermesse*, a festa das rosas, como já se lhe chama.

O producto do concerto foi encher os cofres dos *Albergues nocturnos* uma instituição caridosa e humanitaria do Rei: o producto da *Kermesse* irá avultar a receita de uma instituição luminosa, que só podia nascer do coração de uma mulher e de uma mãe, as *crèches* instituidas pela Rainha.

Não pode haver fim mais santo e mais sympathico do que o fim a que se destina essa festa, que será das mais formosas, das mais brilhantes que em Portugal se tem feito, mercê da illustre senhora que a promove, e de todos os elementos poderosissimos que se reuniram em torno d'ella para a realizar. Durará dois dias essa festa excepcional, que será um acontecimento de gala na nossa terra.

A *Kermesse* realisa-se no vasto terreno da real tapada da Ajuda.

Todas as senhoras das mais illustres e das mais formosas da nossa sociedade, terão ahí a sua barraca, n'essa feira extraordinaria, em que a sr. D. Maria Pia irá vender rosas, que se transformarão em ouro para as pobres creanças desamparadas, renovando assim, a famosa e encantadora lenda da Rainha Santa.

As barracas são sortidas e fornecidas á custa das suas donas, e o producto total da venda irá intacto para o cofre das *crèches*.

Ali accêta-se o trabalho e o obulo de todos: confundem-se todos as artes, todas as actividades, n'um fim unico a esmola.

Nas officinas do sr. David Corazzi está-se a estas horas imprimindo o numero unico de um jornal dedicado a celebrar essa festa santa, cujo producto da venda irá tambem intacto augmentar o producto da *Kermesse*.

Chama-se *Lisboa-Creche* esse jornal feito á imitação do *Paris-Mercia* collaboram n'elle gratuitamente os mais notaveis dos nossos homens de letras, dos nossos poetas, dos nossos jornalistas, dos nossos desenhadores; a officina dá tambem o seu trabalho, e esse jornal que pelo seu feitio po-

deria ter toda a semsaboria do album, terá pela sua idéa todo o brilho radiante das grandes obras porque é uma esmola.

A empresa de S. Carlos teve outro grande successo. Termina a sua epocha com dois triumphos colossaes: depois da *Lauriana*, o *Rei de Lahore*.

Quando o sr. Campos Valdez tomou a direcção do theatro de S. Carlos, não nos desfizemos em barretadas ante o empresario novo que apparecia.

Conservámo-nos na mais imparcial reserva, na mais estricte expectativa, esperando dos seus actos para o julgarmos.

A reserva de que então usámos dá-nos hoje o direito de mais expansivos podermos ser nos nossos applausos sem receio de que nos accoimem de parcialidade.

Nestes dois ou tres mezes de administração theatral o sr. Campos Valdez, justificou plenamente a reputação que lhe dava a tradição gloriosa das suas antigas epochas de empresario, e bem mereceu de todos os que frequentam o theatro de S. Carlos, de todos que se importam com as coisas de arte, que se interessam pelo brilho e pela utilidade do nosso unico theatro lyrico, do unico que o nosso paiz subsidia com dinheiro.

O theatro de S. Carlos n'estes dois mezes tem justificado a sua existencia como theatro do Estado: theatro para desenvolver a arte lyrica nacional, o que fez pondo em scena com todo o luxo e propriedade a opera *Lauriana* do sr. Augusto Machado, theatro para pôr a publico ao facto das grandes novidades artisticas do movimento musical moderno, o que fez apresentando com um deslumbramento de scenario e de guarda roupa, o *Rei de Lahore* de Massenet. E por isso não nos cansamos de applaudir, de louvar o sr. Campos Valdez.

O *Rei de Lahore* que ha sete annos se representou pela primeira vez na Grande Opera, tendo por protagonista a sr.^a De Reské, que já ouvimos em S. Carlos, que na primeira epocha tornaremos a ouvir, e que foi a creadora do papel da Sita, é uma das operas mais notaveis da França contemporanea, e um dos maiores acontecimentos do mundo lyrico moderno.

Massenet, um *jeune*, já conhecido por algumas operas e algumas composições musicas que se distinguem pela sua originalidade característica, teve no *Rei de Lahore* a sua consagração como maestro, e foi por elle collocado entre os primeiros maestros da França actual.

Essa opera foi o seu primeiro combate sério, e tanto assim o entenderam o proprio maestro e o director da opera, o sr. Halanzier, que ao contrario do uso estabelecido na Grande opera franceza, o ensaio geral do *Rei de Lahore* fez-se á porta fechada, e nem sequer foram admittidos a elle, os que tinham direito consuetudinario a isso, como por exemplo, os assignantes da Opera.

Temos á nossa vista uma das cartas circulares que o sr. Halanzier, enviou aos assignantes, e em que dá como razão do *huis clos* do ensaio geral «a opera ser de um compositor novo, cujo futuro todo inteiro depende de uma impressão que pôde ser melhor ou peor e que difficilmente se desvanecesse.»

«Na circumstancia actual, profundamente penetrado da grave responsabilidade que me incumbem, escrevia o director da Opera, não quero apresentar a obra do sr. Massenet senão depois de lhe ter consagrado todos os meus cuidados até ao ultimo momento.»

A opera cantou-se em 27 de abril de 1877, com o tenor Saloman, e o celebre baritono Lassalle, e o successo foi enorme.

Foi enorme e merecido, porque o *Rei de Lahore* é uma opera de valor incontestavel, abunda em trechos de primeira ordem, e revela um talento profundamente original e possante.

O poema, feito por Luiz Gallet, é tambem original, e apezar de ter sido censurado severamente por alguns criticos francezes é extremamente pittoresco e presta-se maravilhosamente á fantasia extranha de Massenet, e aos deslumbramentos da *mise-en-scene* que fazem com que o *Rei de Lahore* nos poucos momentos em que não é um regalo para os ouvidos, seja sempre um verdadeiro regalo para os olhos.

A acção do poema passa-se na India e basea-se toda na lenda da ressureição n'uma nova condição de vida, da transfiguração das almas, de que estão cheios os livros sagrados da India, e em que os indios acreditam religiosamente, chamando a esses ressurecidos *avatars*.

Comprehende-se facilmente o que este assumpto fornece de phantastico e de maravilhoso ao poema do *Rei de Lahore*.

E exactamente esse elemento sobrenatural é o

que mais bellas e formosas inspirações deu á musica de Massenet.

O acto melhor da opera, o mais primoroso, o mais original, aquelle em que não ha um trecho que não seja uma obra prima é justamente o acto passado no paraizo de Indra.

A opera de Massenet além d'isso tem um proeminente logar na musica moderna pelo seu possante cunho de originalidade.

As vezes essa musica deliciosa, trabalhada com grande esmero, com toda a sciencia profunda dos mais complicados e completos processos de arte moderna, é atravessada por um largo sopro de inspiração, e então o maestro attinge as altas regiões do Bello, a que só se ergue o verdadeiro talento.

Como habil homem de theatro, Massenet quiz para a sua obra um quadro espectacular, brilhante, que deslumbrasse as platéas.

Ainda ahí o assumpto servio-o excellentemente com o scenario e os costumes pittorescos da India, com o elemento maravilhoso do *libretto* que soltava a todos os vãos os mais caprichosos, as azas da phantasia mais arrojada.

E d'ahi e espectáculo esplendido d'essa peça, essa variedade enorme, de scenas e de fatos, esse luxo extraordinario de *mise-en-scene* que fazem do *Rei de Lahore* um espectáculo deslumbrante.

A empresa de S. Carlos arcou briosa com todas as responsabilidades d'essa espectacular *mise-en-scene*, e apresentou o *Rei de Lahore* com um luxo, uma elegancia, um delicado gosto artistico, que lhe valeram logo no primeiro acto ruidosa ovação.

Ensaíada primorosamente toda a opera, desde os coros até á orchestra, o *Rei de Lahore* teve um desempenho muito bom por parte de quasi todos os artistas, podendo caber esta designação ao trabalho da sr.^a Mantelli e do sr. Rapp, e uma execução magistral realmente pela sr.^a Borghimamo e pelo sr. Devoyod.

E no fim da epocha, dez noites antes de terminar os espectaculos da companhia italiana, a empresa de S. Carlos teve este successo brilhante, que lhe permitte lutar victoriosa com todas as novidades theatraes de Lisboa, incluindo até os proprios leões do Colyseu que tem tido enchentes colossaes.

No theatro do Principe Real houve uma noite de festa: a do beneficio da actriz Emilia Adelaide.

A concorrência não era muita e entristeceu-nos profundamente isso.

Lembrámo-nos dos tempos, que ainda não vão longe, em que os bilhetes para os beneficios de Emilia Adelaide eram disputados a peso de ouro á porta do theatro de D. Maria, e sentimo-nos envergonhados: envergonhados, não pela actriz que trabalha corajosamente n'estes dias de sorte adversa, como trabalhava nos seus dias de gloria, mas envergonhados pelo publico que tão depressa esqueceu o seu idolo.

É triste esta rapidez enorme com que passa a gloria do palco, este silencio profundo que de repente se faz em torno dos aclamados de hontem.

É triste e é injusto.

Lá fóra, nos outros paizes, ha mais amor pelas glorias nacionaes, ha menos esquecimento pelos triumphadores da vespera.

E com Emilia Adelaide a injustiça é tanto maior quanto ella não é ainda uma invalida da arte.

Emilia Adelaide é apenas uma victima das condições theatraes em que tem apparecido ao publico de Lisboa depois da sua longa estada no Brazil.

Quando voltou cansada pelo fatigante trabalho d'um largo repertorio de que ella era a unica alma, Emilia apresentou-se ao publico rodeada d'uma companhia insignificante, e em peças já vistas, cujo confronto as esmagava totalmente.

O publico já não estava habituado á sua actriz predilecta, tinham-se passado seis ou sete annos, depois d'essa predilecção, o publico é leviano e volveu como uma mulher *coquette*.

Além d'isso, a actriz vinha fatigada, vinha gasta, trazia mais seis ou sete annos sobre si, e os annos de Brazil, como os annos de campanha, contam-se pelo dobro.

Devera descansar, refazer as suas forças, apresentar-se ao publico n'uma criação nova, no meio de uma companhia á sua altura como, mesmo d'antes, o publico estava habituado a vel-la.

Não fez nada d'isto: o publico foi cheio de curiosidade ao theatro na primeira noite, e sahio de lá com uma grande decepção.

Foi o mesmo que nos aconteceu a nós, e se hoje fazemos estas considerações, é porque depois de não vermos representar Emilia Adelaide ha

muitos mezes, vimol-a agora n'uma peça em que ella nada podia fazer, mais mal acompanhada do que a vimos nos Recreios, e apesar de tudo isso, achámos uma differença enorme entre a Emilia Adelaide que vimos agora depois de tres annos de descanso, e a que vimos nos Recreios, quando voltava do Brazil.

O que ella n'essa peça não tinha era papel, e o que tinha era desanimo.

Dêem-lhe um papel bom, dêem-lhe coragem, rodeiam-n'a de bons artistas, e é possível que os dias de gloria voltem e oxalá que assim fosse.

O theatro de D. Maria teve tambem peça nova e peça de espectáculo, o *Cardeal de Richelieu*, um drama de Litton Bulwer accommodado ao nosso theatro pelo nosso talentoso amigo e confrade o sr. José Antonio de Freitas, o laureado traductor do *Othello*.

A peça, posta em scena com grande magnificencia, não teve o exito que a empresa esperava, e não o teve por varias razões de que trataremos mais tarde, quando dermos o retrato de João Rosa, o interprete illustre do *Cardeal Richelieu*, creação notabilissima que lhe tem valido repetidas ovações, e que ficará não só no seu repertorio, como um dos seus mais bellos triumphos, mas que ficará tambem na traducção como um dos mais completos trabalhos artisticos da nossa scena actual.

Falta-nos hoje o espaço para quaesquer considerações acerca da peça de Litton, como egualmente nos falta para fallarmos da conferencia academica de sr. José Horta, para a qual recebemos convite, que muito agradecemos, e do ultimo livro do sr. Ferreira de Araujo, o distincto escriptor brasileiro que dirige a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, *Coisas Politicas*, livro que recebemos ha dias e de que trataremos na proxima semana, juntamente com os outros assumptos que deixamos addiados.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A GUERRA DO SULDÃO — O MAJOR GENERAL SIR GERALD GRAHAM E O MAJOR GENERAL, CHARLES GEORGE GORDON, (GORDON PÁCHÁ).

Damos hoje os retratos de dois dos mais notaveis generaes inglezes que se tem distinguido na guerra do Suldão. As varias peripecias d'essa longa guerra, intentada pela Inglaterra contra o fanatismo musulmano, são bem conhecidos; já por varias vezes nos temos referido a ellas n'este logar, e todos os dias o telegrapho nos traz novas noticias das differentes phases porque vae passando a guerra travada entre os inglezes e os fanaticos de Mahdi o falso propheta. Hoje, portanto, limitarnos-hemos a dar uma rapida noticia biographica d'esses dois notaveis militares inglezes que tem tido papel preeminente na guerra do Suldão.

O major general Gerald Graham nasceu em Eden Broad (Cumberland) em 1831 e tem portanto 53 annos. Seguiu os estudos militares em Woolwich e aos 19 annos sentou praça no corpo de engenharia. Destinado ao exercito da Criméa, tomou parte nas batalhas de Alma e de Inkerman, ficando gravemente ferido no assalto do Redan, onde foi condecorado, mesmo no campo, pelo general em chefe com a cruz da Victoria.

Em 1860 tomou parte na guerra da China, distinguindo-se na tomada de Pekin.

Em 1881, promovido ao posto de major general, Gerald Graham foi nomeado commando em chefe da 2.^a brigada do exercito inglez no Egypto.

A frente das suas tropas combateu em El-Magfar, e em Tel-Mahiuta, e pela sua heroicidade na batalha de Tel-el-Keber foi elogiado n'uma mensagem do Parlamento britannico.

Depois da derrota de Arabi Bey, e da tomada do Cairo, commandou uma brigada do exercito de occupação da cidade, e quando Baker Pachá foi derrotado em Teb, Graham foi encarregado de reorganisar as guarnições dispersas de Senkat e Tokar, e nomeado commandante em chefes das forças britannicas no Suldão.

N'esta demorada guerra, o general Graham derrotou em 29 de feveiro ultimo, Osman-Digma, nos campos de Teb, apoderando-se de Tokar e

vingando a derrota de Baker Pachá, e em 13 de março, apossou-se do acampamento do caudilho do Suldão, e de Tamaineb.

O general Gordon, filho de Henry William Gordon, distincto general de engenheiros navaes, e de uma filha de Samuel Enderby, rico armador de Londres, nasceu em 1834, e entrando para o exercito em 1852 tomou parte na guerra da Criméa, onde se houve brilhantemente. Em 1860 esteve tambem na China como Graham, atacou Pekin com os francezes, e foi nomeado chefe da legião estrangeira que dominou em menos de um anno a insurreição do ambicioso caudilho Tien-Wang.

Em 1865, Gordon foi nomeado 1.^o chefe dos engenheiros de Gravesend, em 1871 foi enviado ao Delta do Danubio como vice-consul britanico e pouco depois succedia ao general Samuel Baker no cargo de governador do Suldão, nomeação outorgada pelo Kediva Ismail Bajá, pae do actual Tewfic I.

Ultimamente retirado da politica e da vida activa militar e diplomatica, occupava-se em estudos archeologicos e estava convidado pelo rei dos Belgas para superintendente — chefe da commissão de operações na Africa Central, afim de estudar e propor os meios de acabar com a venda de escravos no Congo.

Estava já em Bruxellas quando recebeu um telehramma do seu governo encarregando-o de uma missão confidencial para o Suldão, para onde partiu immediatamente.

Por algum tempo reinou a maior incerteza acerca do paradeiro do general Gordon. Não havia noticias suas do Egypto e supponha-se já que elle tivesse cahido em poder da tribo rebelde dos Almarich, perto de Korosco quando em meados de feveiro Gladstone leu na camara dos Communs um telegramma de Gordon, datado de Berber, e dando excellentes noticias da sua viagem e da sua missão.

A PRAÇA DA RAINHA, EM FARO

A cidade de Faro, situado a curta distancia do cabo de Santa Maria, é a cidade mais importante da provincia do Algarve.

Sobre a sua fundação variam as versões sendo a mais seguida a que se attribue a uma colonia grega, derivando o seu nome da palavra *pharo*, por terem os seus fundadores collocado na praia um pharol para guia dos navegantes.

Em 28 de março de 1249, D. Afonso III tomou Faro aos Mouros, por avença feita com o alcaide Alcandro e o almoxarife Aben Barran.

O primeiro governador portuguez d'essa villa, foi o intrepido Estevão Pires, nomeado por D. Afonso III.

Em 7 de setembro de 1540 D. João 3.^o deu o titulo de cidade á pequena villa de Faro transformada n'esses tres seculos n'uma rica, laboriosa, e grande povoação.

No tempo dos Filippes, a cidade de Faro foi victima do vandalismo dos inglezes, que a incendiaram no anno de 1596, sendo então governador do Algarve Ruy Lourenço de Faria.

N'esse incendio ficaram reduzidos a cinzas os interessantes archivos existentes em Faro, escapando apenas do incendio as egrejas de S. Pedro e da Misericordia.

O terremoto de 1755 causou tambem grandes prejuizos em Faro, destruindo quasi todos os seus edificios e sepultadas nas suas ruinas mais 200 pessoas.

A cidade de Faro, que se distinguio muito nos serviços prestados ás conquistas de Africa e de Asia, e nas luctas da liberdade, tem ruas largas e espaçosas, duas egrejas matrizes, a da Sé e de S. Pedro, muitos outros templos e conventos, o seminario e o palacio episcopal, a igreja e a casa da Misericordia fundada em 1581, e outros edificios alguns dos quaes de certo valor archeologico.

A praça principal da cidade, é a Praça da Rainha, que a nossa gravura representa.

Ao sul d'essa praça fica o formoso arco da villa ornado com a estatua de S. Thomaz de Aquino, feita em Roma; por traz d'esse arco fica a ermida da Senhora do O' ou de *Entre las Aguas*, advogada dos navegantes. Ao centro da praça está situado do lado do nascente o mercado da verdura de construcção recente, junto d'elle ergue-se o magestoso edificio do hospital da Misericordia. No começo da ribeira existe a casa da Alfandega, e na parte do sul, onde ainda se vê a derrocada torre do poço das naus fica o novo mercado de peixe, cujas obras se avaliam em 7 contos de réis.

O clima de Faro é quente, mas sadio; a cidade tem escacez de boas aguas. Os seus arrabaldes são amenos e frondosos. O principal commercio de Faro é exportação de sal, fructas passadas, laranja

amendoas, peixe salgado, cortiça e obras de palma e esparto.

Faro foi patria de muitos varões illustres, e da celebre Brites de Almeida, a famigerada Padeira de Aljubarrota.

EDUARDO BRAZÃO

I

Ha nove annos, a pessoa que escreve estas linhas, esboçava uma biographia de Brazão n'um jornal theatral de Lisboa.

Hoje, querendo colligir dados para uma noticia que acompanhasse no OCCIDENTE o retrato de Brazão no *Othello*, um dos seus maiores triumphos artisticos, relemos essa biographia, e ficámos contentes comnosco.

Fomos prophetas, e não é coisa dada a todos na sua terra.

Essa biographia, feita a correr, e com todas as preoccupações de escola, de quem começa a escrever, terminava apresentando o retrato de Brazão, «que é já um artista apreciavel, e que em breve será uma celebridade artistica».

E advinhámos, e, passados nove annos, vimos escrever a biographia d'uma das mais brilhantes glorias scenicas dos nossos palcos d'hoje.

Mas não estouremos de vaidade, que a propheta era facil de fazer.

Bastava ver os progressos rapidos e enormes feitos por Brazão desde o *Barba Azul* até ao *Elogio mutuo*, para depois d'essa creação artistica notavel, o seu primeiro triumpho serio no campo da grande arte, lhe vaticinar com segurança um futuro proximo de glorias.

Eduardo Brazão tinha todas as condições phisicas e intellectuaes para ser um grande actor, havia de ser-o, e hoje já o é.

Não foi uma surpresa para ninguem.

O seu talento, auxiliado por uma decidida vontade, por um estudo attento e pertinaz, pelas disposições phisicas excellentes indispensaveis ao artista do palco, devia dar essa resultante que se chama gloria.

Brazão tem uma bella figura, elegante e distincta, tem a linha, como modernamente se diz. O seu rosto é expressivo, o seu olhar fino e intelligente.

A sua voz, um pouco abarytonada, presta-se excellentemente á expressão das paixões dramaticas violentas, e ás transições humoristicas da comedia: é vel-o no *Fura Vidas* e no *Othello*, na *Vida Intima* e no *Kean*, na *Fedora* e nas *Nadadoras*.

O seu talento é brilhante e maleavel: accomoda-se com rara facilidade aos generos mais oppostos, como o de todos os artistas verdadeiramente grandes: a sua intelligencia viva e clara apanha rapidamente as coisas com um são criterio: tem uma grande intuição artistica para pôr em relevo todos os cambiantes dos seus personagens e dos seus papeis, e se por vezes o seu jogo scenico é no drama um pouco prejudicado pelo colorido tragico demasiadamente sombrio, esse senão é resgatado brilhantemente pela naturalidade enorme que o caracteriza entre todos os actores novos de comedia, genero em que na nossa opinião Brazão é ainda muito maior, muito mais notavel do que no drama, em que aliás é notabilissimo.

Podem muito bem ser que esta opinião venha da nosso feitiço individual, da nossa predilecção artistica, mas ao lado dos dramas em que reconhecemos que Brazão é positivamente um grande artista não podemos deixar de collocar as comedias, a *Vida Intima*, as *Nadadoras*, as ultimas em que o vimos, e em que elle é inconquestavelmente um actor *hors ligne*, um comediante como difficilmente se encontrará igual.

Em nenhuma das biographias de Brazão que temos lido temos encontrado datas precisas tanto da sua vida de homem, como da sua vida de artista. Vamos procurar obter essas datas, que se não tinham interesse para a historia da arte portugueza quando Eduardo Brazão era apenas um artista de talento e de futuro, são indispensaveis hoje, que se trata de um nome já dos mais gloriosamente inscriptos nas paginas d'essa historia, de um actor, que é uma das mais brilhantes glorias artisticas de Portugal.

Com esses dados biographicos faremos o nosso segundo artigo acerca de Brazão, com o retrato do qual, o OCCIDENTE regista hoje um dos factos mais importantes da nossa moderna vida theatral, a representação do *Othello*, o apparecimento de Shakspeare na scena portugueza.

G. L.



BRAZÃO NO OTHELLO

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

(Continuado do n.º 190)

Passada a estação encontra-se o pontão de pedra de Covellinhas, de 33^m,30 de extensão e formado por um só arco de 5 metros de abertura. As fundações, em que se dispenderam 2:238 metros de alvenaria, acham-se a 5^m,60 de profundidade. Em elevação empregaram-se 4:755 metros de alvenaria, o que pretaz um total de 6:993 metros. Esta obra importou em 41:212⁷448 réis.

Adiante acha-se o tunnel do Ceira, de 51^m,20 de comprimento e cuja abertura importou em réis 15:602⁷900.

A estação que se succede é a Ferrão, de 3.ª classe, á esquerda, que dá ingresso a Goivinhas e Donello, na margem direita, e Adorigo, Taboação e Valença do Douro, na esquerda.

Adiante vêem-se na margem fronteira desaguar o rio Tavora e Rio Torto, os quaes são transpostos por meio de pontes de pedra, na estrada marginal que segue para a fronteira.

Tambem ficam proximos os terríveis rapidos da Cachucha e do Olho de Cabra, onde tem naufragado muitos barcos e perdido a vida numerosos infelizes.

A linha, em uma curva do Douro, passa o rio Pinhão por meio da ponte metalica do mesmo titulo. Tem o comprimento de 142^m,12, e é formada por um tramo de 39^m,12. A sua altura maxima é de 21^m,18, achando-se as fundações a 2^m,50 de profundidade. Os encontros são de alvenaria de schisto, revestidos de cantaria. A parte metalica foi fornecida pela casa Cail & C.º, tendo importado a construção d'esta ponte em 71:071⁷135.

A estação do Pinhão, de 2.ª classe, com cocheira



O GENERAL SIR GERALD GRAHAM

de machinas, caes de carvão e reservatorio, está situada á esquerda, junto á povoação do mesmo titulo.

Ha alli uma hospedaria soffrivel tendo a localidade um certo movimento por causa dos carregamentos de vinho que se fazem no seu caes, pro-

cedentes das muitas e importantes quintas das proximidades.

O Pinhão communica, pela margem direita, com Provezende, Goivães, Chancelleiros, Casal de Loivos, Villarinho de S Romão, Favaios, Celleiros, Sabrosa e Alijó, e pela esquerda com Casaes, Ervodosa, Roriz, Santello, etc., todas do Alto Douro.

Até á estação de Cottas encontra-se apenas uma obra de arte, que é a ponte viaducto de Roncão, e entre Cottas e Foz Fua a ponte do Loureiro.

A linha está por enquanto aberta á circulação só até este ultimo ponto, onde ha uma estação provisoria. A povoação, que é pouco importante, fica do lado de lá do Tua, com a qual se communica por meio de uma barca de passagem.

A via ferrea atravessa esse rio, mesmo na sua foz por meio de uma ponte metalica que está em construção e que assenta em quatro pilares de pedra.

Tanto essa ponte, como as diversas seccões até á Barca d'Alva acham-se em um estado tal de adiantamento, que tudo faz presumir que a linha estará concluida no prazo marcado pelo governo.

É a distancia de cerca de 5 kilometros de Foz Tua que se encontra o tristemente celebre cação da Baleira, onde morreu o barão de Forrester, quando o transpunha em um barco.

Tanto n'esse sitio como em outros que se lhe seguem até á Barca d'Alva, o Douro offerece um aspecto atterrador, por deslisar por vezes por entre apertados fraguados cortados a pique.

Tanto os estudos d'essa parte da linha com a sua construção tem sido difficeis não só pela natureza do sólo, como pelas febres que no verão costumam assolar aquellas localidades.

No verão passado, por exemplo, foram atacados pelas ceções centenaes de operarios muitos



PRAÇA DA RAINHA, EM FARO (Segundo uma photographia)

dos quaes pereceram até quando eram transportados, pelo rio, para sitios mais saudaveis onde podessem curar-se.

Todas as difficuldades e perigos teem sido porém persistentemente vencidos, e dentro em breve estará terminada essa, a todos os respeito, valiosa via de comunicação acelerada.

Concluindo esta descripção, vamos dar algumas minndencias a respeito das sommas dispendidas n'esta linha ferrea até á estação do Pinhão.

O caminho de ferro do Douro tem até esse ponto, sete viaductos e 11 pontes e pontões, que importaram em 1.059.498,973 réis; e dez tunneis, que custaram 1.094.560,7370

As estações são em numero de 18, a contar da de Vallongo, tendo custado as seis principaes réis 249.827,772.

A secção mais dispendiosa foi a sexta, da Rede a Valle de Figueira, que importou em 1.027.019,701 réis, tendo-se gasto nas sete que se comprehendem desde a Travagem ao Pinhão 5.781.438,881 réis.

Manuel M. Rodrigues.

FILINTO ELYSIO E A INQUISIÇÃO

II

A acreditarmos nas declarações do reitor da igreja da Conceição Nova, e do cura das Chagas, que depuzeram no processo, Francisco Manuel não só conhecia este boato, mas dava-lhe credito, chegando a affirmar que o seu pae certo era o patrão mór.

Outra testemunha concordou com isto e foi ainda mais longe. Affirmou que Filinto preferia a paternidade illegitima.

Quando este, em 1753, se preparava para entrar no estado ecclesiastico — declara-o a mesma testemunha — quiz o patrão mór ordenal-o como seu filho, mas não o conseguiu. Nunca deixou contudo de protegê-lo, primeiro alcançando-lhe a thesouraria da igreja das Chagas, depois dando-lhe dinheiro para comprar propriedades, duas em Lisboa, n'uma das quaes tinha o ecclesiastico seu patrimonio, e outras duas em Camarate.

Tendo o patrão mór fallecido, ficou em posse dos seus bens o padre Francisco Manuel do Nascimento, juntamente com sua mãe e seu pae putativo.

No depoimento do mencionado cura das Chagas ha uma referencia, que não honra sobejamente o caracter do futuro traductor do *Oberon* de Wieland. Diz o cura que, pretendendo Francisco Manuel juntar papeis com que demonstrasse ser filho do patrão mór, elle o dissuadiria do proposito, allegando o ser Maria Manuel mulher casada.

Em 1778 morava o poeta em companhia dos paes, em uma casa situada na então travessa das Chagas, e formando esquina para o Calhariz, em frente do palacio dos morgados d'este nome.

Além do rendimento dos bens que recebera ou herdara de João Manuel, tinha os vencimentos do cargo que desempenhava na igreja das Chagas.

Na sua casa não faltavam antigas e preciosas alfaias, nem tão pouco as que a moda do tempo introduzira nas moradas dos opulentos aperaltados. No gabinete de toucador, lá se encontravam dois grandes espelhos de vestir, e na sala, acompanhando as mezas de jogo e as placas, o cravo, hoje esquecido e então prezadissimo.

Francisco Manuel do Nascimento, não sendo positivamente um arremedo dos *abbés galants* que se tornaram proverbiaes em França, não desprezava contudo o convivio das senhoras, e com ellas praticava sobre assumptos litterarios, e, no dizer de algumas testemunhas, a respeito de pontos de religião contestados.

D. Marianna Rosa de Amorim e Souza, senhora de 35 annos, moradora na travessa dos Algebibes, negou que Filinto, nas repetidas visitas que fazia a ella e a seu marido, dissesse ou fizesse qualquer coisa contra a fé catholica. As conversas dos tres versavam geralmente sobre «comedias, versos amatorios e sonetos.»

Quando Francisco Manuel ia a casa de D. Marianna «era quasi sempre de levante e raras vezes se sentava, por ser o seu genio jovial e de pouco assento.»

O depoimento d'esta senhora é talvez o que menos prejudica o denunciado. Muito differente se mostra o do *capitão engenheiro*, Manuel de Sousa, que os leitores conhecem de certo pelas traducções que elle fez do *Tartufo* e de outras peças de Molière.

Manuel de Sousa teve por alguns annos trato com Filinto, por serem ambos cultores da litteratura. Se Francisco Manuel, embora padre, pouco tinha de piedoso, o capitão engenheiro não lhe ficava atraz, tanto assim que ambos disputaram uma vez com dois clérigos de Rilhafolles, que *sustinham* o partido da religião. Passou-se isto durante o reinado de D. José, de modo que os frades de Rilhafolles ainda em cima foram perseguidos.

Filinto e Manuel de Sousa liam frequentemente as obras de Voltaire e Rousseau, e partindo das ideias d'estes philosophos — diz no seu depoimento o padre mestre Frei Philippe de Sant'Iago Travaços — formavam argumentos fundados nos sentimentos oppostos á religião.

Quando o padre mestre visitava Francisco Manuel, encontrava pelas estantes e abertos sobre as mezas livros d'aquelles dois auctores, cujas passagens lhe foram por vezes recitadas. Apesar de tudo isto, nunca se resolveu a denunciar nenhum dos dois amigos, por tres razões: não os suppôr verdadeiros hereges, visto como cediam aos argu-

mentos da verdade; haverem-lhe elles dito que tinham licença da Real Meza Censoria, para possuirem e estudarem aquellas obras, e finalmente porque *ainda que n'esse tempo estivesse a porta do Tribunal do Santo Officio aberta para receber as denuncias, sabia elle, testemunha, que eram menos bem olhados do Ministerio as pessoas que as intentassem.*

Suppõe-se, á vista do que acima referi, quaes seriam os transeos por que passou Manuel de Sousa, quando começaram os processos contra os que tinham fama de heterodoxos. Seja isto attenuante para o procedimento que, segundo veremos mais abaixo, elle teve para com o seu amigo.

As ideias que este sustentava *urbi et orbi*, diga-se a verdade, ter-lhe-iam valido, cincoenta annos mais cedo, a honra de tomar parte n'um auto de fé, ornado pomposamente de samarra e carocha, nas quaes diabos, em satisfatoria quantidade, appareceriam pintados, em volta da imagem do padecente destinado ao fogo.

É provavel porém que se Francisco Manuel houvesse vivido no tempo de D. João V ou dos reis anteriores a este, teria mais prudencia e comedimento de linguagem, e nunca aconselharia ás pessoas com quem praticava, que não acreditassem haver o Padre Eterno enviado ao mundo o seu Unigenito Filho para remir o genero humano.

Pois Filinto não só proclamava semelhante proposição, mas ainda acrescentava, dirigindo-se aos seus interlocutores: — Para que estão vocês cantando-se e quebrando a cabeça com isso? Pois é possível tal coisa?

E para completar-lhes o convencimento, contava-lhes a seguinte parabola.

Era uma vez um homem rico que tinha uma quinta, onde havia uma nogueira. Não sei porque, o ricasso chamou um dia o caseiro que tratava da propriedade e disse-lhe: Fica entendendo isto — n'aquella nogueira ninguém mexe.

O caseiro bem o ouviu. Passado, porém, algum tempo, esquecido da ordem do amo, varejou a arvore e fez cahir uma noz, que em seguida comeu.

Era justo porventura, digam-me, que o dono da quinta mandasse castigar um filho seu, muito querido, pelo delicto perpetrado pelo caseiro?

Mas não se limitava a isto, Francisco Manuel. — Cale-se lá — dizia elle a um individuo que affirmava a falsidade do mahometismo — assim como nós entendemos que só a religião catholica romana é a verdadeira e aquella em que ha salvação, da mesma sorte os mouros e os chiins creem e entendem que a sua é a unica verdadeira e que só n'ella se podem salvar. Cada uma d'essas religiões foi fundada por um propheta como os outros. Todas portanto são boas, e em todas ha salvação.

De outra vez negou a possibilidade do diluvio universal.

— Onde existiria a quantidade de agua necessa-

O PAPÁ GILBERTO

I

A mulher

(Continuado do n.º 190)

Não se conheceram de creança, mas nunca se trataram de outra maneira que não fosse por: «meninos»

Entendiam-se admiravelmente, tinham uma grande comprehensão da felicidade, e sabiam-na acariciar como pessoas que lhe conheciam bem o valor.

Acima de tudo punham a harmonia do lar, a doce paz conjugal, amavam-se sem paixão, e estimavam-se por dever.

E d'esse modo mantinham em admiravel equilibrio, as suas relações, sempre os mesmos na intimidade e no publico, respeitando-se como duas potencias que se davam o braço para o mesmo fim: a conquista do bem estar.

Eram ambos ferozes n'essa lucta.

A mulher de uma economia presistente, quasi a atopetar os extremos da avareza.

O marido seguia-lhe os mesmos preceitos, mas praticamente usava-os com mais largueza.

Ella chegava a ser sordida, elle parecia por vezes franco.

Gostava de ver em casa os parentes, e a casa enchia-se-lhe d'elles, porque eram muitos e alguns bem pobres.

Ella aproveitava essas occasiões para fazer limpeza na dispensa, acabar com os restos que para alli estavam de ha muito, cada um dos quaes era para as creadas grande ponto de admiração:

— Ó senhora ainda isso dura?!

— Dura, e está bem bom.

— Deite isso fóra, que até faz mal á gente.

— A ti o que te faz mal é não o comeres, socega que não é para o teu dente.

E lá ia para a meza com bolór e tudo um queijo duro e bichoso que nem machado entrava com elle.

Outras vezes eram uns bolos de ovos do anno passado que o accaso lhe deparara ao canto de uma lata velha. Então havia gargalhada.

— Ó senhora isso é demais.

— E ella ria-se muito.

— É, confirmava, mas põe-nos ahí de parte que os rapazes gostam bem d'elles.

Os rapazes eram os sobrinhos pobres, umas creanças golozas, de paladar excellent, de estomago apto para digerir pedras e appetite capaz de devorar tudo com tanto que não amargasse.

Lambiam-lhe os beiços e ainda pediam mais.

A tanto não acedia ella.

Nem mesmo de coisas sedicças constou que desse a ponto de fartar.

Seguindo o rifão de que pouca peste não mata, ella dirigia-se invariavelmente pelas suas regras de parcimonia restricta, e ia desempestando a dispensa sem encommodar o barril do lixo.

Para alguma coisa haviam de servir as visitas, que não eram de cerimoniaes.

Já pela pratica lhes conhecia o paladar.

Tratando-se de umas peras sorvadas dizia: «guarda lá para o João.

Se eram uns figos já bichosos guardavam-se para o Francisco, etc.

Com os generos succedia o mesmo.

A despedida das visitas levava-as em boa amizade á dispensa e assim como que ás escondidas dava-lhes o embrulhinho, porque lá tinha cada um o seu quinhão.

E ellas agradeciam, dizendo que era bom bom, e lhes fazia bastante arranjo, com o que muito a lisongeava porque não gostava de estragar nada, e d'aquelle modo aproveitava tudo.

Gilberto ás vezes reprehendia-a. Era demais aquillo. Que poupasse vá, mas que deixasse estruir as coisas para as dar, parecia-lhe quasi que uma falta de consciencia.

Em termos brandos elle procurava persuadir a esposa a mudar do systema de obsequiar visitas.

Sua mulher tornava-se d'aquelle modo mais perigosa do que um pantano.

— Ó menina, porque não dás as coisas antes que se estraguem

— Boa pergunta, respondia ella, porque servem para a gente.

Gilberto sorria.

— Não sei, voltava ella, aonde tens a espreteza.

ria, perguntava, para cobrir toda a terra e realizar o que diz a Biblia?

— Para o acreditarmos basta que as escripturas sagradas o asseverem, diziam-lhe os seus interlocutores, — uns frades do Convento do Sobral em Alhandra, onde o caso se passou.

— Isso é fugir da razão, replicava de prompto Francisco Manoel. Acolhei-vos á escriptura, que vos metteis n'um becco que não tem saída.

Se bem que a lista das *libertinagens* do thesoureiro das Chagas já não seja diminuta, devemos acrescentar ainda uma, que muito o comprometteu de certo, perante a Inquisição.

Gabava-se elle de possuir um livro impresso na heretica Hollanda, no qual se mostrava clara e evidentemente, que o tribunal do Santo Officio não procedia com rectidão e justiça nas prisões e castigos que dava aos reus, porque sendo os crimes, d'estes, publicos, deviam tambem ser publicamente processados e defendidos.

Tão convencido estava elle da verdade d'esta apreciação, que uma occasião pretendeu que João da Silva, sujeito de 30 annos, cavalleiro professo da ordem de Christo, e familiar do Santo Officio compulsasse a obra. O cavalleiro professo rejeitou o offerecimento, conforme era de esperar.

Filinto jornadaava sem breviario. Se elle tinha livros impressos na Hollanda!

Aos livrinhos de orações, chamava... não me atrevo a escrever para o publico o substantivo que seguido do epitheto *espirituales*, figurava na linguagem de Francisco Manoel, como equivalente das *Horas Marianas* e quejandas publicações. Remetto o leitor para o processo original.

Póde imaginar-se, á vista do exposto, que nem durante o governo de Pombal, deixariam estas imprudencias de causar desgostos sérios a Filinto.

Fr. Simão da Conceição conta que, encontrando-o um dia bastante melancolico, lhe perguntou o que o affligia. Respondeu Francisco Manoel que tinha tido na casa de um livreiro umas historias com uns padres de Rilhafolles, e que andando estes em amizade com os religiosos de S. Domingos, o teriam logo denunciado provavelmente ao Santo Officio.

No dia seguinte foi o frade visitar novamente a Filinto e achando-o muito alegre, interrogou-o sobre a razão da mudança.

— Fui ter com o meu amigo bispo de Beja e narrei-lhe a historia. Disse-me que não fizesse caso d'isso. Não ficando eu desenganado, fui procurar o Francisco Xavier de Mendonça e obtive d'elle a mesma resposta. Decidi-me então a visitar Paulo de Carvalho, meu amigo tambem, e ouvi-lhe estas palavras: «Descance, padre Francisco Manoel, o Santo Officio não está hoje como esteve algum dia.»

O dizer do inquisidor geral bastava de certo para segurar o mais timorato.

Além d'isso o Paulo de Carvalho era irmão do

omnipotente ministro; tinham, pois, duplo valor as suas asserções. Nem da justiça inquisitorial, nem da secular, partiria a perseguição.

Tudo, porém, mudara completamente, como se disse, em 1778. A reacção religiosa era fomentada pelos aulicos que circundavam os novos monarchas.

Francisco Manoel devia presentir que, mais cedo ou mais tarde, seria denunciado ao Santo Officio. Não se enganava.

Já ficou escripto o nome do denunciante. José Manoel de Leiva era um presbytero secular, natural de Guimarães e que residia áquelle tempo em Lisboa no Arco do Carvalhão, em casa do mencionado João da Silva.

Contara-lhe este a parábola do dono da quinta e outras *libertinagens* proferidas por Francisco Manoel, na sua presença e na de outros individuos, na casa do letrado Luiz da Silva de Almeida, morador na praça do Commercio. O presbytero julgou que devia denunciar o collega, por descargo de sua consciencia, e em cumprimento da obrigação que tinha como catholico romano e sacerdote, mas sem ser por odio nem por vingança.

Assim fez.

Recebida a denuncia na meza da inquisição, mandou-se prender o delatado, sendo a diligencia commettida aos familiares conde de Resende e negociante Manuel Caetano de Mello.

A segunda peça do processo comprehende os depoimentos de varias testemunhas, tomados pelo inquisidor arcebispo de Lacedemonia, em 1 de julho de 1778, isto é, nove dias depois de feita a primeira denuncia.

Como se vê, o Santo Officio perdera a rapidez de execução, que ainda o distinguia quarenta annos mais cedo.

As testemunhas que o arcebispo de Lacedemonia ouviu foram: o padre Leiva, que confirmou a delação, João Manuel da Silva, que nada disse que o leitor não saiba já. Terminou esta ultima afirmando que: tencionava ir consultar alguns padres doutos, dos quaes acharia por exemplo muitos no convento de S. Domingos, mas antes que as suas occupações lh'o permitissem, foi chamado a depor na meza do Santo Officio.

A terceira testemunha ouvida foi o advogado Luiz da Silva e Almeida, que os padres mestres, que assistiam aos depoimentos feitos na meza inquisitorial, e que os rectificavam, julgaram diminuta, visto não ter individualmente ponto algum certo de religião em que o denunciado mostrasse libertinagem e falta de piedade.

A quarta testemunha foi o escripto do civil Joaquim José de Souza, marido de D. Marianna, o qual se patenteou favoravel a Francisco Manoel. Declarou não saber que conclusão este pretendia tirar da historia do dono da quinta. Julgava o delatado—bom catholico e muito temente a Deus, além de «ser bem instruido e versado nas sciencias

e nas linguas franceza, italiana e ingleza, que entendia, posto que as não fallasse».

Por este depoimento foi Sousa considerado testemunha diminuta, na opinião dos padres ratificantes, e suspeitado de ter deposto com politica e condescendencia para com o denunciado.

A 3 de julho era ouvida mais uma testemunha, o professor regio de grammatica latina, Antonio Felix Mendes, de idade de 70 annos. Accusou ao delatado de estar instruido na lição dos livros dos philosophos modernos, que, desprezando as sagradas escripturas e os verdadeiros principios da nossa religião catholica romana, affectam seguir sómente a razão natural, com a qual de certo se não podem alcançar nem explicar todos os mysterios da nossa Fé Catholica.

Mendes fôra o mestre de latinidade de Francisco Manoel. Disse que o julgava muito instruido em latim, philosophia e historia ecclesiastica, e que todos geralmente o reputavam homem douto, e por esta razão muitas pessoas o procuravam para conferir com elle algumas obras que compunham, principalmente poesias e sermões. Terminou afirmando que o bispo de Beja prezava muito o delatado, pela boa instrução que lhe reconhecia.

Foi na madrugada de 4 de julho, doze dias depois da denuncia, que se tratou de proceder á prisão de Francisco Manoel do Nascimento.

Manuel Caetano de Mello, que fôra encarregado de acompanhar o conde de Resende n'esta diligencia, examinar as casas em que o denunciado morava e saber se com effeito assistia n'ellas, ajustou com o titular achar-se no sitio da sua morada pelas cinco horas da manhã de 4 de julho, a fim de realisarem juntos a prisão.

(Continua)

Maximiliano d'Azavedo.

ENSTATAS. — As provas da ultima parte do artigo precedente não foram revistas pelo auctor do trabalho *Filinto Elysio e a Inquisição*, e por isso escaparam diferentes erros typographicos. Assim, imprimiu-se em vez de: não ha de ser os poetas — não ha de ser os poetas — 1830 por 1730 — freguezia de S. João por freguezia de S. Julião — froes por froes — 1655 por 1755, etc.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuação do n.º 179)

LXXI

O 5.º baixo relevo representa a Apresentação no templo para a cerimonia da circumcisão, se-

— Mas isso não é esperteza, é maldade.
— Ponho-lhes alguma faca aos peitos?! pois olha quando elles não nos largam a porta dando-lhes como tu dizes o que deveriamos deitar fóra, que faria se lhe dessemos as coisas boas que nós comemos.

Gilberto dava-se por convencido.
— Pois sim, dizia encolhendo os hombros, tu lá te entendes mas toma sentido com a Junta da Saude.

— Peiores pestes se vendem ali por bom dinheiro.
— Lá isso tens razão.

— Vê lá se alguem se queixa. Se estão já acostumados? A certa gente nada faz mal.

Pois enganava-se.
De umas velhas que iam lá ás semanas custurar, ia ella dando cabo com um presente de lampreia podre.

Ellas coitadas fizeram-lhe careta, porque estava azeda.
— Qual, isso é muito bom, é doce muito fino, esse acidinho que vocecêes lhe encontram é assim mesmo.

Emfim lá tragaram o acido, e lá enguliram a peste deixando a mulher de Gilberto consciente de que a ellas coitadas sobera como papos de anjos aquelle acceppe em completa decomposição, o qual estava mais a pedir monturo que estomago de alma christã.

Mas no dia seguinte é que as velhas amargaram deveras o bom bocado.

Chegaram a andar mesmo em mãos de cirurgião; estiveram muito mal, estiveram quasi idas, coitadas!

Logo se attribuiu o caso á lampreia.
Gilberto disse-o á meza, e as creadas fizeram coro com elle insurgindo-se todos contra a senhora que tinha dado cabo das velhas.

Ella com a boca cheia de uma bella sopa succulenta e bem adubada, defendia-se de um modo brilhante e decidido sem vislumbre de remorsos.

— Não sejam gluttonas! Aquillo em cá vindo comem, comem, comem... Gilberto enchugando os beiços ao guardanapo advertiu:

— O' menina não te engasgues.
E ella sem que a sopa lhe passasse da goela, em frouxos de muito riso, porque se ria d'isto, e achava-lhe pilheria, repetia gaturalmente sem que pordesse articular outra palavra:

— Comem, comem...
E não dizia mais.

Tinha um nó na garganta, e até já estava roxa de sorte que Gilberto começava a assustar-se.

As creadas exclamavam:
— Oh! senhora, oh! senhora!

E ella acenava com as mãos, como se estivesse prestes a morrer afogada, como se a agua lhe desse já pela barba.

Então Gilberto empurrou a cadeira, erguendo-se resoluto:
— Que é isso menina?

E com a chave do trinco ia bater-lhe nas costas para que desembuxasse e não lhe fosse dar ali alguma coisa.

Não deu, porque ella poudo concluir enxugando as lagrimas de que o riso do nervoso lhe encherá as palpebras:

— Comem como umas brutinhas.
Salvo seja. Deus louvado que ninguem se conhece!

D'ahi desataram a rir todos fraternalmente, creados, amos e filhos.
Os rapazes davam pulos nas cadeiras, e aproveitavam a distracção dos paes para atirarem bolinhas de pão á cara uns dos outros.

Não havia maneira de uma pessoa se entender.
Pedia-se um guardanapo e trazia-se um prato, pedia-se um copo e trazia-se uma garrafa, estava-se em plena anarchia de riso!

E as velhas a contorcerem-se lá em casa em agonias excruciantes e dores de ver estrellas.

Deploravam-n'as muito, sem querer falar da lampreia por não escandalizarem a senhora que lh'a havia dado, e de quem não esqueciam outras finezas, mais para agradecer em verdade do que a da lampreia.

— Vocemêes comeram alguma coisa que lhes fizesse mal?
— Nada. A senhora D. Perpetua (a mulher de Gilberto chamava-se Perpetua da Purificação) deu-nos um pedacinho de doce, mas nós mal o chegamos aos beiços.

E a inflamação intestinal devorava-lhes as entranhas como se lhes houvesse mettido lá dentro carvões em brasa.

A mulher de Gilberto em vista do exposto, clamava triumphante:
— Ora veja que nem a chegararam aos beiços! aquillo foi indigestão do jantar. Estão fracas, abusam do estomago e depois queixam-se das consequencias. Talvez queiram dizer que o jantar estava tambem sedico, tendo nós comido d'elle!

(Continua)

Leite Bastos.

gundo o rito judaico. A meio do retabulo levanta-se um plinto coberto por um panno, sobre o qual o menino Jesus está assentado completamente nu, como nos quadros antecedentes, e sustentado do lado esquerdo por S. José e do direito por Nossa Senhora. Por de traz de S. José, e de mãos postas, trez figuras, de joelhos um tanto curvados, parecem reverenciar o futuro Salvador, por de traz da Senhora, e tambem de mãos erguidas, o summo sacerdote acompanhado por outros dois, parece preparar-se para a cerimonia. Inferiormente, como nos demais, vê-se a legenda que neste baixo relevo diz: *Patri quid amplius nato.*

O 6.º e ultimo baixo relevo representa a fugida de Nossa Senhora para o Egypto, em consequencia da perseguição de Herodes aos recém-nascidos do sexo masculino. Trez anjos abrem a marcha, como guias dos fugitivos, levando um d'elles pela redea a jumenta, que segue atraz d'elle, conduzindo sobre o seu dorso a Senhora. Esta vae assentada com a maior naturalidade, conchegando o menino contra o peito, o qual se segura a ella com os bracinhos. Atraz deste grupo caminha S. José de bordão ás costas, do qual pende uma manta, e levando na mão direita uma varinha com que tange a jumenta. Vêem-se algumas palmeiras, e ao longe no fundo alguns monticulos coroados cada um por duas arvores. A legenda inferior diz: *Si venisti cur fugis si fugis cur venisti.*

Apesar do tempo a que estes baixos relevos pertencem, seculo xv, e de não ter ainda a esculptura da figura attingido a perfeição a que havia chegado entre os gregos e romanos, e logo depois na Italia, ainda assim a composição dos diversos quadros, nomeadamente do 1.º, 3.º, 4.º e 6.º, e a sua execução, revelam um talento não vulgar, que, com uma escola mais apurada, poderia ter produzido obras de primeira ordem.

Ha uma certa magestade na figura da Senhora e uma harmonia na disposição dos assumptos, que perdoam os defeitos do tempo e dão a estes seis retabulos um grande valor artistico, além do seu valor archeologico, e por isso não nos admira que tenham sido avaliados em 16:000,000 réis.

Estas seis pedras, que mede cada uma de comprimento 0^m.97 por 0^m.48 de alto, e tinham na respectiva sala os n.ºs de 26 a 31, consta-nos agora estarem em poder do sr. Casimiro Candido da Cunha, e estar encarregado de promover a sua venda o agente sr. J. R. Pereira Merello, com escriptorio na rua Aurea; parece que se vae tratar de fazer d'ellas uma rifa, cujos bilhetes terão, segundo se diz, facil extracção no Brazil, Hespanha e outros paizes.

(Continúa)

R.

RESENHA NOTICIOSA

FALLECIMENTO. Falleceu em Hespanha o primeiro astrónomo do observatorio de Madrid D. Eulogio Jimenez Sanchez doutor em sciencias exactas. Era um dos mathematicos mais notaveis da Hespanha. Havia publicado entre outras obras a *Theoria dos numeros*, premiada pela Academia das Sciencias de Madrid, *Chimica agricola*, e *Ensino da historia pela arithmetica*, etc. Havia vinte e cinco annos que servia no referido observatorio.

MORTE DE UM POETA. Falleceu no dia 9 de março ultimo em Ouro Preto, Brazil, o poeta Bernardo Guimarães, auctor dos *Cantos da solidão*, etc. Tinha cincoenta e sete annos de idade, e era considerado como um dos mais bellos talentos do Brazil. Era collaborador do periodico *Actualidade* do Rio de Janeiro, onde escreveu muitos artigos de critica que lhe deram grande reputação.



O GENERAL CHARLES GEORGE GORDON

KERMESSE LE CARIDADE. Nos dias 19, 20 e 21 do corrente abril, deverá realizar-se na Tapada Real da Ajuda, uma *kermesse* ou feira, cujo producto será applicado a uma obra de caridade, isto é, a beneficio da Associação das Creches. A iniciativa d'esta festa partiu de S. M. a Rainha a sr.ª D. Maria Pia, que é a presidente e á qual secundam em tão sympathico intento muitas damas da nossa sociedade elevada. São vice-presidente a sr.ª condessa de Valbom, 1.ª e 2.ª secretarias as sr.ªs viscondessa de Carriche e D. Amelia Biester, auxiliadas pelos srs. Henrique Burnay e barão da Regaleira, como 1.ª e 2.ª secretarios, e são vogaes as sr.ªs condessas do Rio Pardo, de Almedina e da Silva Sanches, viscondessas de Penalva d'Alva e de Taveiro, D. Alice Munró dos Anjos, D. Amelia Burnay, D. Clementina Vianna, D. Leonor Mascarenhas Avila, D. Maria da Gloria da Cunha Menozes, D. Maria Manuela de Brito, e os srs. marquez de Fronteira, condes de Almedina e da Ribeira, visconde de Carriche, Alfredo Anjos, Bernardo Pindella, Fernando Lapa e Fernando Serpa. A kermesse será constituída por varias barracas que servirão de lojas de quinquilherias, restaurants, e outros objectos, cuja venda será feita por damas e cavalheiros. S. M. a rainha encarrega-se de uma barraca para a venda de flores. Além d'esta haverá mais oito, de que se encarregaram algumas damas já referidas, e mais as sr.ªs D. Isabel de Souza Botelho, D. Perpetua de Mello Monteiro, viscondessa dos Oliveas, D. Emilia Barbosa, D. Isabel Wanzeler, D. Maria do Patrocínio Barros Lima de Almeida, D. Guilhermina Jardim, e os srs. Thomaz Brandão e Alfredo Anjos. Almejamos a esta festa o mais prospero successo, oxalá que o tempo, que estes dias se tem mostrado invernosso não venha aguarentar tão nobre e sympathica festa. Para completar tão bella iniciativa o activo editor o sr. David Corazzi, offereceu para ser vendido por aquella occasião, o numero unico de uma folha — *Lisboa-crêche* — que vae publicar com esse fim e para a qual tem já a collaboração artistica de Bordallo Pinheiro, Manini, M. do Macedo, Gameiro, Columbano, Casa Nova e visconde de Castilho, e litterario de Camillo, E. Vidal, V. de Oguella, Francisco Palha, Xavier da Cunha, Cunha e Sá, Luiz Jardim, José Antonio de Freitas, Garcia Diniz, Julio Borges, Manuel Bento de Sousa, Gomes d'Amorim, Fernando Costa, Luiz Guimarães Junior, Duarte de Oliveira, etc. — A imprensa aveirense, tambem offerece cinco mil exemplares do numero unico de outra folha collaborada por escriptores do districto.

ANNIVERSARIO DE VICTOR HUGO. O ministro da instrucção e das Bellas Artes de França, sr. de Fallières, encommendou ao celebre gravador A. Borrel uma medalha commemorativa do 82.º anniversario do grande poeta. No dia 24 do mez de março findo, acompanhado do referido gravador e do director das Bellas Artes, sr. Kaempfen, dirigiu-se o ministro a casa do poeta, em cujas mãos depositou a medalha, dirigindo-lhe algumas phrases significativas. O poeta, agradecido, reteve os trez illustres cidadãos para o jantar.

MORTE DO DUQUE D'ALBANY. O principe Leopoldo Jorge Duncan, duque d'Albany e de Saxonia, conde de Clarence, barão d'Arklow, era o settimo e penultimo filho da rainha Victoria de Inglaterra. No dia 27 de março ultimo, deu uma queda no *Club naval* da cidade de Cannes, onde se achava, e faleceu por causa della. O principe nascera a 7 de abril de 1853; tinha pois 31 annos incompletos de idade. Tinha casado ainda não havia dois annos, a 27 de abril de 1882 com a princeza Helena, filha de Jorge Victor, principe de Waldeck. D'esta união fica uma menina, a princeza Alice, que nasceu a 25 de fevereiro de 1883. O principe era muito estimado em Inglaterra, pelo seu character, e dotes artisticos, e tanto que, não só a corte, mas em geral todos os habitantes de Londres e até os cocheiros de praça tomaram lucto por elle. O seu corpo já foi transportado para Inglaterra. Foi um grande desastre e uma perda sensivel.

PRESENTE REAL. Chegou da Africa para el-rei o sr. D. Luiz um presente da parte do rei de Dahomey, constando de varios pannos, uma grande umbella de bambu com cobertura de setim matizado de flores, e um florão de prata.

MINISTERIO INGLEZ. Sabbado 29 de março recebeu-se a noticia de que o gabinete, presidido pelo sr. Gladstone, pedira a sua demissão, em consequencia de uma votação que não lhe foi favoravel na camara dos commons. Causou bastante sensação em Lisboa esta noticia, por não se poderem aventar as complicações politicas que semelhante acontecimento poderia trazer a Portugal. Como se sabe, depois de longas e penosas negociações, tinha-se chegado a celebrar o tratado do Zaire por causa da questão que, ha perto de quarenta annos, muito de proposito embaracava o nosso antigo, legitimo, e indisputavel dominio naquella região. A noticia, porém, não era verdadeira, porque em Inglaterra, nem sempre certas votações contrarias, promovem a queda dos ministerios.

CHARADA

Da China sou importado,
E tenho muito consummo,
Sou natural do paiz
Dos grandes amigos do fumo — 1.

É um lindo animalsinho
Mas ao agarral-o, salta;
E oh que barulho fazem
Sendo dois, ou uma malta — 1.

Quasi a meio da distancia
É que o fui ver parar — 2
Não tem conceito a charada
É de quem a advinhar.

Monsão

GOLLIAS.

Explicação do enigma do n.º antecedente:
Por mais que o preto se lave preto ficará.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA

